

A CONSTRUÇÃO DO LEGADO OLÍMPICO: UMA ANÁLISE DAS VOZES RESPONSÁVEIS PELO DISCURSO DOS JOGOS RIO 2016

Flávio Agnelli Mesquita¹

RESUMO

Os Jogos Rio 2016, primeiro evento olímpico sediado na América Latina, ganhou traços que vão muito além da competição esportiva. Os impactos mundiais de audiência e repercussão político-econômica fizeram com que muitas vozes envolvidas na elaboração do evento quisessem reverberar com mais ênfase em relação a seus “rivais”. Comitê Olímpico Internacional, Comitê Olímpico Brasileiro, Governo Federal, Governo Estadual do Rio de Janeiro e Prefeitura carioca disputavam espaço entre os holofotes por um possível sucesso dos Jogos. Partindo-se da Análise do Discurso como subsídio teórico e dos conceitos que envolvem o processo de narração, o presente estudo propõe-se justamente a analisar essas “vozes” presentes no discurso olímpico, analisando como cada uma delas baseou-se em intencionalidades específicas.

PALAVRAS-CHAVE

Análise do Discurso; Jogos Olímpicos; Rio 2016; Narração

ABSTRACT

The Rio 2016 Games, the first Olympic event based in Latin America, has gained traits that go far beyond the sporting competition. Global audience impacts and political-economic repercussions meant that many voices involved in the elaboration of the event wanted to reverberate more emphatically to their "rivals." The International Olympic Committee, the Brazilian Olympic Committee, the Federal Government, the State Government of Rio de Janeiro and the City of Rio de Janeiro, all played in the spotlight for a possible success of the Games. Starting from Discourse Analysis as a theoretical basis and concepts that involve the process of narration, the present study aims to analyze these "voices" of the Olympic discourse, analyzing how each one of them was based on specific intentions.

KEY WORDS

Discourse Analysis; Olympic Games; Narration

Introdução

A produção discursiva, evidentemente, tem início no narrador, este influenciado por diversos outros discursos e pelo momento histórico em que o conteúdo é produzido. Partindo

¹ - Flávio Agnelli Mesquita é doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista e professor universitário da Universidade Nove de Julho (Uninove).

dessa constatação, o presente artigo volta-se justamente a avaliar as narrativas, mas centrando-se nos sujeitos. Fundamentado pelo pensamento de Alain Rabatel, o estudo atém-se não na narrativa em si, mas no momento da narração, ou seja, na identificação de como o sujeito age nas narrativas, transformando-as.

O objeto de investigação será o discurso olímpico dos Jogos Rio 2016, tema cativante pelo fato de que a comunicação oficial da competição estava centrada nas várias vozes, muitas vezes distintas, que produziam o discurso olímpico.

Diante disso, objetiva-se identificar, a partir de uma mesma temática de divulgação – a questão do Legado Olímpico –, os discursos produzidos por cada um desses autores: há conflitos evidentes? Interconexões? Complementaridades? Ou seja, como cada um desses “narradores olímpicos” agiu nas publicações disponibilizadas em seus sites oficiais.

Os Jogos Olímpicos Rio 2016

Antes de passarmos para o objeto de investigação, é válido ressaltar – ainda que brevemente – as características que configuraram o Rio de Janeiro como sede olímpica, desde 2009, quando a cidade foi a escolhida, até a finalização da competição, em setembro de 2016 (com os Jogos Paralímpicos).

Os Jogos Rio 2016 tiveram ainda mais visibilidade pelo seu caráter de ineditismo, uma vez que foi a primeira vez que a América Latina sediou uma competição olímpica. Do ponto de vista da comunicação, a complexidade de um megaevento dessa envergadura diz respeito à diversidade de públicos para os quais é direcionada a comunicação: população local e nacional, turistas, espectadores, atletas, patrocinadores, poderes públicos e as próprias mídias brasileiras e internacionais representam a gama de interlocutores a interagir com os discursos oficiais dos órgãos brasileiros.

Essa complexidade na divulgação olímpica se justifica não apenas pela ampla gama de stakeholders, mas pelos impactos do evento que vão muito além do esporte, registrando contornos políticos, econômicos, culturais, sociais e organizacionais.

Além disso, considerando-a um acontecimento global, a competição olímpica envolve uma infinidade de órgãos esportivos e governamentais inteira ou parcialmente responsáveis pelo evento, que dele querem usufruir também para ganhar prestígio e notoriedade. Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Comitê Olímpico Internacional (COI), Governo Federal via Ministério dos Esportes, Governo Estadual e Prefeitura do RJ rivalizavam na busca de divulgação corporativa a partir dos Jogos Rio 2016, haja vista o impacto mundial que este megaevento adquire.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (2017, p. 23), a competição carioca foi a mais consumida da história, tanto nas mídias tradicionais, quanto nas plataformas digitais. A média de audiência televisiva foi 20% maior do que a registrada em Londres-2012, além da maior quantidade de mídias presentes numa cobertura olímpica: 584 canais de TV, sendo mais de 270 transmitindo também em streaming, via websites espalhados por centenas de países.

Isso representou também a maior arrecadação da história no que diz respeito aos direitos de transmissão dos Jogos. O COI arrecadou em 2016 cerca de U\$4,2 bilhões, ante U\$3,8 bilhões nos Jogos de 2012 (OLIVEIRA, 2011, p. 262).

Em termos apenas nacionais, a visibilidade midiática também teve enorme impacto. Rede Globo, Record, Bandeirantes (TVs abertas) e os canais por assinatura Sportv (que utilizaram uma estrutura de transmissão com 16 canais), Record News e BandSports foram as emissoras oficiais.

A final do futebol masculino, por exemplo, que teve o Brasil campeão pela primeira vez na história, atraiu uma audiência combinada de mais de 47 milhões de pessoas, o maior registro desde 2006, quando o sistema de medição de audiência olímpica foi instalado (COI, 2017, p. 31).

Alain Rabatel e o processo de narração

É preciso ressaltar, como pressuposto da presente investigação, o papel da linguagem no nosso cotidiano. A linguagem, segundo Rafael Echeverria (2011), é o que nos permite criar a realidade. Ou seja, entendemos o mundo por intermédio da linguagem, haja vista que não sabemos realmente como as coisas são, sabemos apenas como elas nos parecem, a partir das nossas observações e interpretações. A tomada de conhecimento em relação ao que nos cerca provém da linguagem, entendendo-a como uma representação.

Na visão de Echeverria, a linguagem (“capacidade linguística”) é o elemento, inclusive, que diferenciara os seres humanos das outras espécies, originária da interação social. “A linguagem não é uma capacidade individual, mas um traço evolutivo que, baseando-se em condições biológicas específicas, surge da interação social” (ECHEVERRIA, 2011, p. 55 – trad. do autor).

A linguagem, a partir dessa reflexão ontológica proposta pelo autor, não é um espaço uniforme, mas caracteriza-se por uma interação na qual cada membro de uma comunidade vai desempenhar papéis específicos.

O indivíduo é constituído como a soma de suas relações com os demais. As individualidades serão diferentes se em um sistema somos o empregador ou o empregado; o pai ou o filho; o filho maior, o do meio ou o menor; o ator ou o espectador etc. (ECHEVERRIA, 2011, p. 59 – tradução do autor).

Vale dizer que a utilização da linguagem como concretização do acontecimento pressupõe sempre a existência de um ponto de vista, que apresenta maneiras particulares de falar. Isto é, um discurso nunca é desprovido de intencionalidades.

Utilizando-se da visão de Pêcheux (2014), todo ponto de vista é uma pequena fração de um todo ideológico pré-construído exterior ao sujeito. Este, por sua vez, é “assujeitado” – ele está sujeito ao gênero, religião, língua, ao Estado etc. Daí a necessidade de levarmos em conta todo o contexto sob o qual os discursos olímpicos estavam inseridos no Brasil, um país à época envolto em denúncias de corrupção dos órgãos públicos e improbidade administrativa dos agentes federais, que envolviam até mesmo a então presidente.

Alain Rabatel, na obra *Homo Narrans* (2016), volta-se justamente a avaliar as narrativas, mas centrando-se nos sujeitos. Para o autor, a enunciação – importante a ser estudada na análise discursiva – diz respeito ao contexto enunciativo; é o que está ao redor do que é enunciado (os dêiticos). São aquelas características que jamais podem ser repetidas.

Em outras palavras, o locutor se torna o responsável pela encenação enunciativa. Em eco a essas representações, *Homo narrans* é triplamente sujeito, sujeito coator, sujeito heterogêneo, sujeito polifônico, nas relações em que o narrador estabelece com seus pares, com seu auditório, assim como com seus personagens, sendo capaz de encenar uma multiplicidade de PDV e de fazê-los dialogar entre si. (RABATEL, 2016, p. 19)

A proposta analítica a partir dessa visão é a de destacar como se dá a participação desse sujeito na construção da enunciação. A narração é mais importante do que a narrativa no sentido de, observando marcas, perceber como se dá a argumentação.

De uma forma simplificada, a preocupação de Rabatel (2016) é com as ações de quem conta as histórias (das mídias, organizações, literárias etc.), como essas pessoas se posicionam frente ao acontecimento.

É-nos preciso examinar o ‘homem que narra’, não mais por intermédio de uma lógica narrativa que reduz seu papel a uma voz mais ou menos desencarnada, assegurando funções de ‘controle narrativo’, mas por intermédio de uma lógica da narração que confere a essa voz um corpo, um tom, um estilo, uma inscrição em uma história (em todos os sentidos), gostos e desgostos, posições assumidas que só existem por intermédio da maneira de criar mundos e personagens, e que é profundamente modificada e interrogada por esse processo criador, devido à sua dimensão radicalmente dialógica (RABATEL, 2016, p. 17)

Para entender o posicionamento do autor na análise da enunciação, é essencial compreender um tema recorrente em sua obra: os pontos de vista (PDVs). Rabatel considera que esses PDVs, sempre trazendo o ponto de vista de alguém, têm uma função argumentativa na narrativa.

Os PDV não se restringem apenas a influenciar a narrativa (a fábula), eles afetam sua narração, e é precisamente nisso que reside a eficácia de uma voz que sabe fazer-se ouvir, sem se manifestar enquanto tal, pesando, assim, de forma tão decisiva quanto discreta, nas interpretações. (RABATEL, 2016, p. 69)

Partindo dessa perspectiva, uma proposta analítica que se baseia no sujeito da argumentação possibilita que identifiquemos marcas textuais importantes que vão levar o enunciatário a entendimentos específicos da informação enunciada. “A teoria do PDV oferece, assim, ao leitor instrumentos privilegiados para lhe permitir (re)tecer, por seu turno, os fios do texto ou fazer, por seu turno, ‘a síntese do heterogêneo’(...)” (RABATEL, 2016, p. 49).

Legado Olímpico

Falar em megaeventos requer que empreguemos a palavra “Legado”. Especialmente os Jogos Olímpicos fortalecem esse discurso, uma vez que a grande justificativa para uma localidade tornar-se sede do evento é o retorno que este trará.

Com o término da competição, ganha destaque, na avaliação da imprensa e dos vários stakeholders envolvidos (dentre os quais, a própria população), o que se denomina de legado. Mais do que qualquer outro megaevento, os Jogos Olímpicos favorecem esta avaliação, uma vez que uma justificativa importante para que um país se candidate a ser sede do evento é o retorno que ele poderá trazer a posteriori.

Por entendermos legado como narrativa, ou seja, forma de pensar e articular trajetórias passadas, presentes e futuras de uma cidade, consideramos esse processo de desenvolvimento (com ganhos tangíveis e intangíveis), de passar para as próximas gerações uma herança de conhecimentos, tecnologias, propriedade e atitudes articulados ao projeto olímpico (cf. MacRury, 2008), um dos maiores desafios que o Brasil enfrenta. (RODRIGUES, 2013, p. 19)

A própria carta olímpica, existente desde o início dos Jogos modernos e utilizada para ressaltar os princípios da competição, reforça a intenção maior do evento em proporcionar um

retorno social permanente, com o fim das competições. Esse posicionamento fica expresso, por exemplo, no espaço da Carta que se refere aos “Princípios Fundamentais do Olimpismo”:

O olimpismo é uma filosofia de vida, exaltando e combinando em um todo equilibrado as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Combinando o esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educacional do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais. (International Olympic Committee, 2016, p. 11. Trad. do autor)

Nesse sentido, o termo legado – que tem sua origem proveniente no latim *legatum* (algo deixado como testamento) – diz respeito a todo patrimônio material (infraestrutura das cidades, parques olímpicos, projetos de educação para o esporte) e imaterial (ganhos em imagem, relacionamento internacional, consolidação de parcerias político-econômico-esportivas) que a competição olímpica deixa como contribuição (BUENO, MESQUITA, 2018).

Essas discussões sobre o legado fazem ainda mais sentido quando se tem como foco a competição sediada no Rio de Janeiro, em 2016. Isso porque, desde 2009 – quando a cidade foi oficialmente anunciada – até nossos dias, grande parte da população questiona se o cálculo “gastos *versus* retorno” poderá trazer um resultado positivo ao País.

Muitos argumentam, inclusive, que os cerca de R\$ 16 bilhões² investidos envolveram também corrupções e superfaturamento em construções, o que aumentou e aumenta ainda mais a desconfiança social em relação à realização dos Jogos no Brasil.

Partindo desse complexo contexto histórico-social, característica fundamental para a Análise do Discurso, todas as instituições envolvidas na organização da competição fizeram ainda mais questão de ressaltar o retorno esportivo-social dos Jogos, numa tentativa clara de abafar vozes contrárias e reticentes.

Vale ressaltar também que o País passava em 2016 por um momento político extremamente delicado, no qual a Presidente da República, então reeleita, passava por intensas pressões por ilicitudes cometidas que poderiam levá-la ao impeachment (o que de fato se concretizou meses depois).

As manifestações nas ruas, que iniciaram em 2013, tornaram-se ainda mais vultuosas em 2016, registrando passeatas que ultrapassaram milhões de pessoas nas principais capitais do Brasil. Obviamente, todo esse contexto influenciou os discursos produzidos a respeito da competição olímpica, discursos estes objetos da análise aqui proposta.

² Dados oficiais do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Disponível em <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br>

As vozes sobre o legado

A pesquisa levou em conta, para a análise comparativa, os primeiros textos divulgados pós-Jogos Olímpicos pelas instituições responsáveis pela organização do evento: COI, COB, Governo Federal, Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura carioca.

Vale ressaltar que o objeto de análise diz respeito exclusivamente às publicações que se voltaram a falar sobre o Legado Olímpico e que foram adicionadas nos sites oficiais das respectivas instituições.

Comitê Olímpico Internacional (COI)

A primeira curiosidade no discurso do COI foi a demora em publicar um texto oficial referente ao Legado Olímpico. O primeiro que se volta a tal objetivo data de 6 de dezembro³, portanto, mais de dois meses após a finalização da competição Paralímpica.

Antes disso, as publicações diziam respeito apenas aos medalhistas e personalidades de cada esporte. Eram, em sua maioria, coberturas técnicas da competição.

Em dezembro, no entanto, a reportagem muda o tom, sendo perceptível – logo no título – uma abordagem enfática no sentido de destacar o sucesso dos Jogos (“Como sabemos que o Rio 2016 foi um sucesso”). A intenção é afirmar que o evento foi bem-sucedido, não deixando espaço para questionamentos nesse sentido.

No seu início, expressa-se um otimismo latente em relação à sede olímpica: “Rio 2016 foram os Jogos Olímpicos com o maior consumo da história”; “Testemunhamos novos recordes, marcas pessoais, grandes emoções e esportividade inspiradora que só a magia dos Jogos Olímpicos pode criar. Fora do campo de jogo também, o Rio 2016 foi um grande sucesso.”

A fim de convencer o internauta da afirmação, o texto lista alguns motivos para se acreditar no sucesso. Além da exposição de imagens positivas do País e do lucro financeiro, dá-se destaque para o Legado Olímpico. Sob o título “Legado e Transformação”, o texto traz a seguinte passagem:

Os Jogos Olímpicos Rio 2016 deixam um forte legado para a cidade do Rio de Janeiro. Além de novas infraestruturas de transporte e revitalização de partes da cidade, um dos locais construídos para os Jogos está sendo convertido em quatro escolas. Um projeto educacional criado como parte das preparações para os Jogos está sendo deixado como patrimônio para o Brasil. (Comitê Olímpico Internacional, 2016, s/p)

³ Publicação disponível em <https://www.olympic.org/news/how-do-we-know-that-rio-2016-was-a-success>.

Interessante notar que, neste momento, o discurso utiliza-se de um depoimento do Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para corroborar as informações explicitadas: “Nós construímos um legado fantástico para a cidade que só foi possível graças aos Jogos Olímpicos”.

É evidente no discurso uma postura do narrador, no caso o COI, em se colocar como um “salvador social” do Rio de Janeiro, tamanha descrição de benefícios que os Jogos possibilitaram.

Uma consideração importante a ser feita para compreendermos o discurso do Comitê é que, no momento da narração, ou seja, no dia 6 de dezembro de 2016, acontecia uma Conferência com membros do Governo de Tóquio, justamente a cidade que receberá a competição em 2020.

Dessa forma, a “publicização” do Rio de Janeiro era fundamental para apresentar aos japoneses benefícios importantes com as Olimpíadas.

Comitê Olímpico Brasileiro (COB)

Assim como ocorrido com o COI, a comunicação do COB sobre o Legado Olímpico só ocorreu explicitamente em 19 de dezembro de 2016⁴. E, mesmo com a publicação tardia, a temática vem tratada de forma tímida, sem aprofundamentos.

Interessante notar logo no início que a intenção do órgão foi eximir-se da responsabilidade de afirmar que a competição deixava um legado. Todo o texto foi elaborado do ponto de vista do Comitê Internacional, estratégia clara já no título da reportagem: “COI destaca Rio 2016: ‘Jogos Maravilhosos em uma cidade maravilhosa’”. Com esse recurso, o narrador se exime de afirmar sobre o sucesso da competição e utiliza uma outra voz para criar esse efeito de sentido.

É importante ressaltar que, em dezembro de 2016, reportagens de importantes veículos de comunicação já questionavam os gastos com os Jogos, sem um retorno social à altura. Por exemplo, no final de 2016, o portal Estadão on line repercutiu notícia divulgada em seu veículo impresso que questionava justamente o legado deixado pós-Olimpíadas: “Sem revelar custos, Ministério do Esporte assume arenas olímpicas no Rio” (REZENDE, 2016, s/p).

Esse movimento em 2017 cresceu consideravelmente. Em publicação de março de 2017, por exemplo, o portal UOL traz uma reportagem especial cujo título denotava a intensidade das críticas: “Olimpíada na lama – como o plano de legado virou uma enorme lista de frustrações” (REBELLO et al, 2007, s/p).

⁴ Publicação disponível em <https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/rio-2016>.

Considerando todo esse contexto, quando a publicação do Comitê Olímpico Brasileiro fala explicitamente do legado, ele faz questão de dizer que o reconhecimento do “patrimônio dos Jogos” veio do Comitê Olímpico Internacional:

Diretores dos Jogos Olímpicos e dos departamentos de esportes, Solidariedade Olímpica e os serviços de Televisão e Marketing do COI apresentaram a chave do sucesso do Rio 2016. O documento destaca números impressionantes da competição (...) Rio 2016 deixou um grande legado para a cidade do Rio de Janeiro; O acesso ao transporte público de qualidade pela população aumento de 18% em 2009 para 63% no fim de 2016. (Comitê Olímpico Brasileiro, 2016, s/p)

Finalizando a narração, o texto convida o internauta a ler, na íntegra, o documento oficial publicado pelo órgão internacional, mais uma clara postura no sentido de se eximir de qualquer afirmação que desse margem a polêmicas e questionamentos.

Governo Federal

Se o texto do Comitê Olímpico Brasileiro destacou-se pela cobertura mais conservadora em relação ao Legado Olímpico, eximindo-se de afirmar o sucesso do legado carioca, a publicação do site oficial do Governo Federal (Portal Brasil)⁵, datada de 28 de setembro de 2016 (uma semana após a finalização das Paralimpíadas), é explicitamente voltada a ressaltar as grandes conquistas imateriais dos Jogos Rio 2016. Há até mesmo um aspecto ufanista da publicação, exaltando os valores nacionais.

Algumas expressões presentes na reportagem exemplificam bem essa postura panfletária: “legados que marcam a vida de uma nação”; “oportunidades de transformar o Brasil por meio da prática esportiva”; “A cada recorde alcançado, a comemoração de um povo que acredita que sempre podemos fazer mais”.

Todo o discurso é proferido sem a presença de entrevistados e outras fontes de informação. A exceção fica por conta do último parágrafo, quando é utilizado depoimento do Presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Andrew Parsons, para falar sobre os benefícios das paramodalidades.

Em relação a valores gastos na infraestrutura, não há qualquer menção, assumindo, nesse quesito, uma postura muito semelhante à do COI e do próprio COB.

Governo do Rio de Janeiro

⁵ Publicação disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/09/brasil-comemora-legado-imaterial-apos-jogos-rio-2016>.

O Governo carioca, ao contrário das outras três “vozes olímpicas” já analisadas, é o que trata mais diretamente a questão do Legado Olímpico. Alguns textos publicados logo após a finalização da competição são inteiramente dedicados à temática. Observando as publicações dos meses de setembro a dezembro, por exemplo, a competição em si – com os resultados dos jogos e medalhistas – é deixada em segundo plano para que se ressalte o legado.

A primeira publicação pós-Jogos data de 23 de setembro⁶. Com o título “Rio 2016 traz bons exemplos para alunos da rede estadual”, o objetivo é mostrar os ingressos gratuitos distribuídos pelo governo como contribuição à formação das crianças e adolescentes.

Utilizando-se da expressão “experiência transformadora”, o texto exalta as iniciativas educativas dos Jogos, utilizando-se de um recurso até então pouco explorado pelos outros órgãos: os depoimentos de fontes de informação. Num texto curto, de dez parágrafos, são utilizados quatro entrevistados (Secretários da Educação; do Esporte, Lazer e Cultura; professor de Educação Física; uma aluna beneficiada).

Mais da metade do texto dedica-se a expor as falas desses entrevistados no sentido de ressaltar a relação entre educação e esportes. Um desses exemplos é a fala do Secretário de Esporte, Lazer e Juventude, Marco Antonio Cabral: “Nossos atletas tiveram um reforço na torcida, e estes jovens vão se recordar para sempre deste momento único”.

Nessas coberturas, também não existe qualquer referência a valores envolvidos nos gastos para os Jogos.

Prefeitura do Rio de Janeiro

Finalizando a análise das publicações, a Prefeitura do RJ é, sem dúvida alguma, o órgão que mais divulgou notícias em seu portal sobre o Legado das Olimpíadas. Apenas considerando a semana posterior a 18 de setembro de 2016 (data da cerimônia de encerramento dos Jogos Paralímpicos)⁷, são 13 textos que se referem diretamente ao assunto.

Aplicando a mesma metodologia das análises anteriores, o primeiro desses textos, datado de 19/9, destaca-se por um grande ufanismo e saudosismo em relação aos Jogos. A abertura do texto já traz o enfoque escolhido pelo narrador:

⁶ Texto disponível no endereço <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=2954851>.

⁷ Texto disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6419633>.

Um sentimento misto de saudade e felicidade dominou o público que compareceu ao Boulevard Olímpico do Porto Maravilha neste domingo (18/09), dia de encerramento dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Famílias, artistas de rua, grupos de amigos, casais de namorados, turistas e pessoas de todas as idades buscavam ângulos e fotos para registrar momentos que ficarão guardados para sempre. (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016, s/p)

O que chama atenção no processo de narração da Prefeitura carioca é que, para exaltar o Rio e o Legado Olímpico, utilizam-se seis moradores da cidade, que ressaltam a qualidade da infraestrutura deixada após o evento. O texto volta-se a falar, especificamente, do Boulevard Olímpico, local construído como atração aos turistas e que continuariam após os Jogos. Mas o faz descrevendo o local e os benefícios da estrutura a partir de depoimentos dos cariocas, com pontos de vista explicitamente positivos: “Aqui tudo é pensado para sensibilizar o público”; “Os Jogos estão acabando e estão deixando muita saudade”; “O réveillon deveria ser aqui”.

Repetindo a mesma lógica das narrações olímpicas analisadas, não há menções a aspectos econômicos.

Considerações Finais

Analisando o discurso olímpico sob o ponto de vista do processo de narração, conforme destacado neste estudo por Rabatel, fica evidente um comportamento distinto, se compararmos as vozes olímpicas.

Primeiramente, os órgãos esportivos – COI e COB – caracterizaram-se por abordagens frias, sem grande repercussão sobre o valor do Legado Olímpico.

Já o Governo Federal, ao contrário do que se tinha como hipótese da pesquisa, considerando toda a pressão social à época, foi a voz que mais se utilizou de um discurso enfático em ressaltar as transformações pelas quais o País passou com os Jogos. Em texto sem a ausência de entrevistados, utilizou-se um discurso efusivo para mostrar “revoluções” ocorridas na infraestrutura do Rio de Janeiro, deixadas como grandes Legados Olímpicos.

Do ponto de vista da quantidade de postagens, sem dúvida alguma, as “vozes locais”, ou seja, o Governo estadual e a prefeitura foram as que mais se dedicaram a abordagens sobre o Legado Olímpico. Em ambos os casos, destaca-se também o mesmo recurso discursivo: apresentar os benefícios das Olimpíadas utilizando-se de depoimentos dos cariocas e das fontes oficiais. Esse comportamento aumenta o poder de convencimento do texto, uma vez que são os próprios usuários dos benefícios que atestam a validade de todos os legados materiais e imateriais produzidos.

Por fim, há de se ressaltar uma grande semelhança em todos os discursos: a ausência de comentários sobre os gastos nos Jogos. Nenhuma cobertura quanto a valores é feita pelos órgãos, numa clara tentativa de se desvencilhar das polêmicas existentes à época no País.

Obviamente que o levantamento realizado evidencia uma pequena amostra do comportamento da comunicação oficial dos Jogos. Estudos futuros com um *corpus* maior poderão revelar outras abordagens ou ainda confirmar as estratégias adotadas no processo de narração das instituições responsáveis pela organização olímpica.

Bibliográficas

BUENO, Wilson da Costa; MESQUITA, Flávio Agnelli. **O Legado Olímpico em questão:** do equívoco conceitual à avaliação negativa da imprensa brasileira. Revista Comunicare, v. 18, n. 1, p. 86-99, 2018.

COI. **Marketing Report:** Rio 2016. Lausanne, 2017. 146p. Disponível em <http://touchline.digipage.net/iocmarketing/reportrio2016/1-1>. Acessado em 9 de novembro de 2018.

Comitê Olímpico Internacional. **How do we know that Rio 2016 was a success.** Disponível em <https://www.olympic.org/news/how-do-we-know-that-rio-2016-was-a-success>. Acessado em 22 de maio de 2017.

Comitê Olímpico Brasileiro. Rio 2016. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/rio-2016>. Acessado em 22 de maio de 2017.

Governo do Estado do Rio de Janeiro. **Rio 2016 traz bons exemplos para alunos da rede estadual.** Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=2954851>. Acessado em 22 de maio de 2017.

International Olympic Committee. **Olympic Charter.** Agosto de 2016. Disponível em <https://www.olympic.org/olympic-studies-centre/collections/official-publications/olympic-charters>. Acessado em 16 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Alberto. **A economia dos megaeventos:** impactos setoriais e regionais. REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n.120, p.257-275, jan./jun. 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

Portal Brasil (Governo Federal). **Brasil comemora legado imaterial após Jogos Rio 2016**. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/09/brasil-comemora-legado-imaterial-apos-jogos-rio-2016>. Acessado em 22 de maio de 2017.

Prefeitura do Rio de Janeiro. **População se despede dos Jogos Rio 2016 no Boulevard Olímpico do Porto**. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6419633>. Acessado em 22 de maio de 2017.

RABATEL, Alain. **Homo Narrans** – por uma análise enunciativa e interacionista da narrativa. São Paulo: Cortez, 2016.

REBELLO, Aiuri; COSTA, Guilherme; ALMEIDA, Pedro Ivo; MATTOS, Rodrigo. **Olimpíada na Lama**. Portal UOL, março de 2017. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/olimpiada-na-lama.htm#tematico-3>. Acessado em 18 de maio de 2017.

REZENDE, Constança. **Sem revelar custos, Ministério do Esporte assume arenas olímpicas no Rio**. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,sem-revelar-custos-ministerio-do-esporte-assume-arenas-olimpicas-no-rio,10000096245>. Acessado em 20 de maio de 2017.

RODRIGUES, R. P. Legado para as políticas públicas brasileiras de esporte e lazer: Governança Interfederativa dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. In: **Legados de Megaeventos Esportivos**. Campinas: Papirus, 2013.